

## UM LEITOR INCONFORMADO: ÁLVARES DE AZEVEDO E O PERIODISMO DO SÉCULO XIX

Natália Gonçalves de Souza SANTOS<sup>19</sup>  
Eduardo Vieira MARTINS (orientador)

### RESUMO

Este estudo se propõe a analisar o universo do leitor Álvares de Azevedo (1831 – 1852), poeta romântico brasileiro, a partir de seus ensaios críticos, escritos em torno de 1850: “Literatura e civilização em Portugal”, “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, “George Sand: Aldo o rimador” e “Lucano”, ressaltando a profunda relação que o autor mantinha com o periodismo de sua época. Como se trata de um escritor para quem a produção poética e a reflexão de viés teórico eram instâncias indissociáveis, Álvares de Azevedo construiu seu pensamento por meio de um intenso processo de leitura e de comentário, não apenas dos textos literários sobre os quais se debruçava, mas também de artigos de crítica publicados em livros e em periódicos em circulação no período, de origem nacional e estrangeira. Para compreender o seu pensamento, a pesquisa investiga as fontes teóricas que ele consultou e delinea os procedimentos metodológicos dos quais se valeu para elaborar suas reflexões, detalhando, assim, os procedimentos de recepção de textos pragmáticos em circulação entre os acadêmicos paulistas em meados do oitocentos. O andamento da investigação aponta para a relativa independência de Azevedo frente às ideias veiculadas pela imprensa literária da época, uma das grandes divulgadoras da poética romântica, e aos cânones europeus, abrindo a possibilidade de se reavaliar a particularidade da sua inovadora intervenção no debate literário do século XIX e seu enquadramento dentro da história literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo brasileiro; Álvares de Azevedo; periodismo; crítica literária.

### Linhas gerais de um universo heterogêneo

Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831 – 1852) escreveu quatro ensaios bastante representativos do tipo de crítica literária produzida nos ambientes acadêmicos

---

<sup>19</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFLCH/USP), bolsista FAPESP. Endereço acadêmico: Av. Professor Luciano Gualberto, 403, Cidade Universitária – Butantã - CEP: 05508-010 - São Paulo/SP – Brasil. Email: nataliagss@usp.br

no Brasil do século XIX. São eles “Literatura e civilização em Portugal: fase heroica; fase negra”, “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, George Sand: Aldo o rimador” e “Lucano”. À exceção do trabalho sobre Musset, publicado parcialmente no periódico acadêmico paulista *Ensaio Literários*, no ano de 1850, os demais são de publicação póstuma. Os três primeiros títulos tiveram sua primeira aparição em 1855 e são parte do segundo volume das obras completas do autor, publicadas sob responsabilidade de seu primo, Jaci Monteiro. Nessa edição, eles compõem uma ampla seção designada pelo nome de ‘Crítica’, da qual fazem parte textos variados, como orações fúnebres escritas por Azevedo à ocasião do falecimento de colegas da Faculdade de Direito de São Paulo. Já o último ensaio teve sua primeira publicação no terceiro tomo da segunda edição, no ano de 1862, ainda sob responsabilidade do mesmo organizador. Ele não compõe, no entanto, uma seção própria à crítica ou, ao menos, uma seção com esta denominação, o que viria a acontecer somente a partir de 1873, na quarta edição, que ficou à cargo de Joaquim Norberto, quando esse material passou a constituir aquilo que se consolidou como os ‘ensaio literários’ da obra completa de Azevedo, seguido pelas edições subsequentes.

A partir da correspondência pessoal do autor é possível estabelecer algumas hipóteses sobre o momento da escrita desses ensaios. Numa carta bastante conhecida pelos estudiosos de sua obra, remetida ao seu amigo Luís Antônio da Silva Nunes, datada de 1º de março de 1850 e redigida durante as férias escolares, passadas no Rio de Janeiro, Azevedo afirma:

Não tenho passado ocioso estas férias, antes bem trabalhadas de leitura tenho-as levado. Nesse pouco espaço de três meses escrevi um romance de duzentas e tantas páginas; dois poemas, um em cinco e o outro em dois cantos; uma análise do *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos literários sobre a marcha simultânea da civilização e poesia em Portugal, bastante volumosos; um fragmento de poema em linguagem muito antiga, mais difícil de entender que as *Sextilhas de Frei Antão*, noutra gosto porém, mais ao jeito do *Th. Rowley*, de Chatterton. (2000: 823)

A mesma carta, mais à frente, anuncia que o missivista regressaria a São Paulo “no dia 1º de abril” e, como o ensaio sobre George Sand possui data de 1º de maio de 1850, pode-se crer que ele tenha sido redigido ou, ao menos, finalizado já na capital paulista. “Lucano” não conta com uma data específica, porém, como as referências e o

vocabulário crítico utilizado pelo autor são similares aos empregados nos demais trabalhos, é possível que tenha sido escrito no mesmo período. Soma-se a essa evidência o acentuado interesse que Azevedo estava demonstrando pela produção de ensaios críticos durante o ano de 1850.

De forma bastante sumária, pode-se dizer que os trabalhos sobre George Sand e Alfred de Musset concentram-se em torno da tradução de alguns fragmentos de duas obras publicadas em 1833, num mesmo volume da *Revue des deux mondes*: *Aldo le rimeur*, pequeno drama destino à leitura, e “Rolla”, poema que prenuncia, de certa forma, os conflitos que serão desenvolvidos por Musset no romance *Confession d’un enfant du siècle* (1836). Embora essas duas obras não sejam exatamente semelhantes quanto ao enredo e à temática, vê-se nelas a problemática principal vivenciada pela geração de 1830, na França e pelo mal do século em geral: um profundo desconforto, vivenciado por dois jovens poetas, diante dos caminhos tomados pelas revoluções e seus desdobramentos na sociedade moderna, o que os atira frequentemente a uma conduta marginal e ao suicídio.

Entremeados à tradução, Azevedo tece comentários críticos e debate questões que são importantes para ele próprio, à medida que se identifica com a problemática exposta pela geração de 1830, para as obras em si e para o romantismo numa perspectiva mais ampla, tais quais a originalidade da poesia, o *status* da arte na sociedade moderna e os efeitos que esta organização social, utilitarista e capitalista, gera na constituição do poeta, descrito como um ser cindido, exemplo da “teoria dos contrastes”, apresentada por Victor Hugo, no prefácio ao *Cromwell* (1827). Sendo assim, o poeta, o homem moderno em geral, é um misto dos aspectos etéreos e carnisais, da alma e do corpo, do grotesco e do sublime, o que se pode em ver em personagens tais quais Jacques Rolla e Aldo. Por isso, para Álvares de Azevedo, mesmo que o poeta enverede pelo caminho de uma vida desbragada, ainda assim, sua essência é preservada, o que lhe garante a beleza:

Se Jacques é belo [...] é que em meio àquelas trevas há uma réstia de sol, há um eflúvio de poesia que se refrata e iria pela sombra, como a centelha fugitiva do facho que sacode no escuro das cavernas batendo na faceta do cristal da estalactite. Não há aí o poema do materialismo impuro a revolver-se como um verme no lodaçal. – Não: é antes uma luta entre o corpo e a alma – entre a morte e a vida – entre o céu e a terra – entre as melodias de Ariel e o fel do Calibã perdido nos sonhos das noites de verão de Shakespeare, - entre a negridão da noite e a luz doirada da lâmpada mal

guardada ao róseo dos dedos transparentes da virgem que passa pelas ousias do claustro a desoras – é o pleito, agro e renhido sim – das aspirações ao céu. (2000:699)

“Literatura e civilização em Portugal”, ensaio mais longo e mais conhecido entre o espólio crítico alvaresiano, objetiva, como bem disse seu autor, a um cotejo entre o desenvolvimento sociocultural da sociedade portuguesa e seus reflexos no meio literário deste país. Assim, à fase do apogeu luso, o século XVI, no qual ocorreram as Grandes Navegações e a formação do Império ultramarino, corresponderiam nomes como os de Luís de Camões e Antônio Ferreira, cujas obras, respectivamente *Os Lusíadas*, poema épico publicado em 1572, e *A Castro*, tragédia escrita por volta de 1550 e publicada em 1587, representam o esplendor e a grandeza do poderio português. Já um século como o XVIII, de decadência e subjugação pelas potências estrangeiras, como a Inglaterra, corresponderia uma poesia de caráter melancólico e soturno como o são algumas das poesias de Bocage.

É neste ensaio que Azevedo manifesta uma posição contrária ao projeto indianista e nacionalista que estava sendo constituído para a literatura brasileira, concebido como uma extensão do projeto político de consolidação de independência do Brasil em relação à ex-metrópole, Portugal. Para ele, tratava-se de uma

polêmica secundária que alguns poetas, e mais modernamente o Sr. Gonçalves Dias parecem ter indigitado: saber, que a nossa literatura deve ser aquilo que ele intitulou nas suas coleções poéticas – poesias americanas. Não negamos a nacionalidade desse gênero. Crie o poeta poemas índicos, como o *Thalaba* de Southey, reluzá-se o bardo dos perfumes asiáticos como nas *Orientais*, Víctor Hugo, na *Noiva de Abidos*, Byron, no *Lallah-Rook*, Thomas Moore; devaneie romances à europeia ou à china, que por isso não perderão sua nacionalidade literária os seus poemas. Nem trazemos a pleito o mérito dessas obras. Em outra parte enlear-nos-emos talvez nessa questão.

E demais, ignoro eu que lucro houvera – se ganha a demanda – em não queremos derramar nossa mão cheia de joias nesse cofre mais abundante da literatura pátria; por causa de Durão, não poderemos chamar Camões nosso; por causa, por causa de quem?...(de Alvarenga?) nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de Bocage! (2000:715)

Para ele, a literatura brasileira não deveria se proclamar autônoma à portuguesa devido ao fato de haver um elo linguístico entre os dois povos e, mais importante, porque o afastamento em relação às letras lusas nos tolheria o contato com outras fontes de

inspiração, provenientes da Europa, um manancial considerável de cultura literária, o que nos levaria a um tipo de isolamento intelectual. Cilaine Alves Cunha explica que, “para Azevedo, a retomada da cultura indígena como fonte da literatura brasileira limitava suas possibilidades de diálogo com a tradição ocidental” (2001:17). Esta era uma posição bastante singular em meados do oitocentos, no Brasil, onde a parcela hegemônica da intelectualidade voltava seus esforços para a “cor local”, como se vê em diversos romances de José de Alencar, em obras de Gonçalves de Magalhães e em alguns poemas de Gonçalves Dias. Para Antonio Candido, a “atitude destoante do esforço central da crítica do tempo”, [constitui] um paradoxo que deve ter sido difícil e quase heroico sustentar.” (2011:17)

Já “Lucano”, o menor em extensão dentre os quatro ensaios, aborda epopeia escrita no século I d. C., a *Farsália*, que se ocupa da guerra civil movida por Júlio César contra Pompeu, entre os anos de 49 e 48 a. C., e cujo desfecho instaurou o Principado em Roma. Diversas personalidades latinas são arroladas até que ele se concentre nas peculiaridades do gênero épico, definido como “o sublime histórico” (AZEVEDO, 2000:660). Com o objetivo de caracterizar melhor esse gênero e de inserir a *Farsália* numa tradição consagrada, o autor aponta mais três autores épicos de relevo, Homero, Tasso e Camões, cada qual correspondendo aos anseios dos contextos dos quais emergiram. Tal comparação faz sobressair as soluções inovadoras do poema de Lucano como, por exemplo, o abandono do panteão greco-latino e a adoção de um tema recente da história romana, opções que não desmerecem o poema lucaniano, mas o enobrecem do ponto de vista alvaresiano.

Por fim, Álvares de Azevedo alude à polêmica literária secular que envolvia tal obra quanto à apropriação que ela faz dos fatos históricos, posicionando-se positivamente em relação a isso e denominando “pobres críticos” (2000:661) aos seus opositores. Dentre aqueles que qualificavam como improdutivo, não literário, o embasamento que Lucano fazia da história estão nomes tais quais os de Voltaire e La Harpe, com os quais o ensaísta brasileiro não se isenta de polemizar. Ele afirma, por sua vez, que a aridez que o primeiro deles diz haver na *Farsália* se encontra no cérebro dos críticos, “sem vida e sem criação”, (2000:661) que já se debruçaram sobre o texto e que o fizeram a partir de um conjunto de regras exteriores à obra, engessadas por uma determinada concepção de poética.

## Alguns exemplos da fortuna crítica sobre os ensaios de Álvares de Azevedo

Embora Álvares de Azevedo seja dos autores mais conhecidos do cânone brasileiro oitocentista, é possível dizer que não há muitos estudos que se dedicam à parcela estritamente crítica de seu legado, conforme afirma Jaime Gizburg, pesquisador que se dedicou a uma interpretação de “Literatura e civilização em Portugal”:

Seus estudos literários foram constantemente relegados a um segundo plano, e tratados com indiferença pela crítica e pela historiografia. As poucas manifestações a respeito, de modo geral, convergem para o juízo negativo, e os caracterizam como obscuros. (1999:22)

Essa obscuridade advém de alguns fatores como, por exemplo, o estilo difuso do autor, por vezes tomado como confuso, a adoção de uma linha de raciocínio não dedutiva, mas sim pautada “por associações livres, especulações não necessariamente fundamentadas”, as constantes “marcas expressivas de percepções subjetivas e emotivas dos textos estudados” (GINZBURG, 1999:23) e que funcionam como verdadeiras sugestões de leitura ao público alvo de Álvares de Azevedo. O próprio encadeamento de suas ideias, diversas vezes tomadas como contraditórias, é um elemento de ambiguidade em seu estilo, sobretudo pela utilização de “procedimentos de comparação e contraste, em detrimento de referências a causas e consequências” e pelos “sinais constantes de erudição” (1999:23). As observações feitas por Gizburg são atribuídas ao ensaio estudado por ele, mas a nosso ver, elas podem ser estendidas aos demais textos que são parte de nosso *corpus*. Dentre estes traços, aquele que talvez tenha lhe rendido observações as mais controversas seja a maneira como Azevedo se vale das fontes consultadas e a alta recorrência destas ao longo de sua crítica.

José Veríssimo atribui esses traços do “espírito crítico” de Azevedo a um “entusiasmo juvenil”, apontando o poeta paulista como um dos mais cultos da literatura brasileira, conhecedor das “obras-primas das melhores literaturas na sua língua original” (Apud AZEVEDO, 1916:45). Já Brito Broca chega a dizer que “os discursos de Álvares de Azevedo e seus esboços de estudos literários não passam de um cascatear insuportável de palavras” (1979:320), concluindo que as incessantes citações feitas por ele se tratam de “uma cultura superficial, a única que seria compatível com tão curta existência” já que “não é possível fazer milagre. Ninguém consegue ser sábio aos vinte e um anos.” (1979:98). De fato, Álvares de Azevedo coloca seu leitor dentro de uma

rede intrincada de constantes e numerosas referências, algo que produz um efeito marcante e imediato àquele que se propõe à sua leitura e gera, como visto, comentários divergentes, ora apontando para sua erudição, considerada positiva, ora para um “desejo de mostrar leitura” (BROCA, 1979:97).

Um uso bibliográfico relativamente demasiado não é uma particularidade exclusiva de Azevedo, sendo um juízo comum acerca de nossa crítica romântica. Nesse sentido, Brito Broca afirma que “Álvares de Azevedo tem, porém, uma desculpa para sua condição de mau prosador: é que a nossa prosa romântica foi, em geral, muito inferior à poesia [...]” (1979:320). O rigor do crítico destaca dois grandes defeitos que, a seu ver, são constantes na nossa intelectualidade romântica. O primeiro é a tendência ao verbalismo:

peculiar à nossa prosa romântica, concorria para que os artigos sobre livros e escritores nessa época derivassem, frequentemente para divagações em torno das obras e dos autores, fugindo ao que havia nestes de essencial. (BROCA, 1979:73)

E o segundo é justamente a fragilidade da erudição manifestada pelos escritores românticos brasileiros, pois, segundo Broca,

de maneira geral não imaginamos que os românticos lessem muito. Eles nos parecem, isto sim, muito livrescos. Não se conformavam em escrever prosa ou verso sem entremear por toda parte, nem sempre com muita adequação, nomes de autores, personagens de romances ou de poemas. (1979:97)

Por outro lado, não se pode pensar que a crítica romântica no Brasil se restringia a divagações ou citações, pois, como anota Maria Eunice Moreira, “sem restrições e com muita franqueza, os críticos podiam deixar o tom elogioso e emitir opiniões áridas e duras, provocando muitas vezes reações adversas, das quais se originaram querelas literárias de repercussão”(2013:29). A existência dessas polêmicas era mesmo desejada pelos jornalistas do período já que contribuía com a dinâmica do meio, indo ao encontro do gosto pelas novidades demonstrado por parte dos leitores, delineando-se, assim, como uma das características principais de nosso periodismo no oitocentos.

## A bibliografia de Álvares de Azevedo

É notório que Álvares de Azevedo entremeia ao longo de seus estudos literários dezenas de citações, nomes de autores, livros, periódicos, etc., pressupondo a leitura e o acesso não só da parte dele mesmo, mas de seu leitor em potencial que, quer nos parecer, deveria possuir um grande referencial cultural, perfil distinto daquele esboçado pelo autor de *Pré-românticos, românticos e ultrarromânticos*. Arrolando apenas alguns exemplos, já é possível a verificação da existência de um arcabouço comum entre os acadêmicos paulistas, ao menos se tomarmos por base os ensaios legados pelo poeta da *Lira dos vinte anos*. Na seguinte passagem de “Literatura e civilização em Portugal”, nota-se a omissão do nome do autor consultado, talvez por se tratar de juízo vulgarizado entre os membros da academia: “Para servimo-nos da expressão de uma das mais hábeis penas da *Quartely Review*, classificando uma outra cria mais gigantesca do gênio – [o *Koran* de Mohammed] é um canto de Empédocles, de Lucrécio ou uma narrativa de Homero.” (AZEVEDO, 2000:709)

Já nesse outro trecho de “George Sand: Aldo o rimador”, o que se evidencia é o fácil acesso à uma publicação como a *Revue des deux mondes*, para consulta do artigo que comenta a obra de Vigny, escrito por Gustave Planche:

À primeira representação dessa peça, na *Revista dos dois mundos* saiu um belo artigo que lhe analisa o enredo e o desenvolvimento. Para o mais lá reenviamos, toda a vez que o leitor passar os olhos por aquele tombo de belos escritos, certo lucrará. (AZEVEDO, 2000:667)

Nos momentos em que Azevedo insere notas de rodapé em seu trabalho, as mesmas não apresentam uma exatidão propícia a que se encontre com facilidade a referência arrolada, talvez porque esse gênero de nota satisfizesse os critérios acadêmicos daquele contexto ou mesmo porque se tratava, como dito, de obra bastante conhecida entre seus leitores. Assim, ele redige somente: “Entre outros, lede Marmier, - *Cartas e cantos do Norte*, e Ampère – *Estudos sobre as mitologias escandinavas*” (2000:707) ou “Lede Edgar Quinet, *Épicos Latinos*.” (2000:723) Porém, nestes dois casos, mesmo que em certa medida inexatos, o autor franqueia muito mais suas fontes do que em outros, quando apenas utiliza citação entre aspas, sem qualquer indicação que auxilie os leitores da posteridade. Tal é o que se passa em “Lucano”, no qual Azevedo lança mão de uma afirmação crucial para que se entenda a polêmica na qual ele está se inserindo: “A *Farsália* é uma crônica em verso, disseram-no, e creram-no

doesto. ‘Um crônicon-poema não podia ser sublime’ – cismaram talvez os críticos na sua aridez de cérebro sem vida e sem criação.”<sup>20</sup> É somente por meio de uma edição comentada, como a de Homero Pires, que pode haver um desvendamento dessas questões de autoria, embora, infelizmente, ainda haja diversos pontos obscuros.

Quando Azevedo cita autores mais consagrados, como é caso de Gustave Planche, crítico cujo vínculo com a *Revue des deux mondes* é amplamente conhecido, torna-se mais possível identificar as fontes as quais ele estava se referindo, bem como rastrear a discussão da qual pretende participar. Além disso, as ideias críticas e os critérios empregados por um jornalista do porte de Planche são relativamente conhecidos entre aqueles que se debruçam sob o debate crítico do século XIX, no Brasil. No entanto, ao valer-se de nomes como os de Xavier Marmier, Jean-Jacques Ampère ou Edgar Quinet, cujo projeto crítico é de restrito domínio na atualidade, a situação se configura de uma outra maneira e diversas ideias que poderiam ser claras à época de Azevedo se perdem, fazendo com que o jogo de referências se converta num elemento de imprecisão.

Ao se investigar as citações fornecidas pelo autor, bem como as notas de rodapé, paráfrases e títulos de livros e periódicos, pode-se chegar a um conjunto mais ou menos conciso de autores, geralmente colaboradores da *Revue des deux mondes* ou da *Revue de Paris*. É evidente que muitos são citados de maneira pontual ao longo dos ensaios, demonstrando que o autor procurava talvez estabelecer diversas possibilidades de diálogo, sugerindo caminhos latentes para o seu pensamento crítico. Outros, no entanto, apresentam maior representatividade dentro do projeto crítico alvaresiano e por isso merecem ser revisitados, sobretudo quando menos contemplados pela história do pensamento crítico. Assim, a constelação de nomes que o autor cita em seus ensaios pode configurar-se como um sistema mais orgânico do que poderia parecer, num primeiro momento. De modo que a leitura desse material consultado por Álvares de Azevedo sugere um possível vetor de homogeneidade para o aparente caos de sua atividade crítica e uma proposta de estruturação de seus objetivos enquanto analista da literatura no século XIX.

Portanto, é do estilo escorregadio utilizado por Álvares de Azevedo ao longo de seus ensaios, ora assertivo, quando recomenda leituras, ora dubitativo, quando comenta

---

<sup>20</sup> Homero Pires propõe que, nessa passagem, Azevedo dialoga com Voltaire (*Essai sur la Poésie Épique*, chap. 4) e La Harpe (*Cours de Littérature*, part. I, c. 4, sect.. 2) *Apud* Álvares de Azevedo. *Obras Completas de Álvares de Azevedo*. Edição crítica organizada por Homero Pires. Tomo II. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 248.

questões possivelmente polêmicas, que pode surgir um elemento de análise homogeneizador, em meio as linhas gerais do universo heterogêneo do autor, as quais se alteram em função da perspectiva pelas quais são tomadas. Esse elemento ganha corpo apenas quando considerado a partir da própria perspectiva assumida por ele: a de um brasileiro, consciencioso do projeto político-literário que estava sendo construído em seu país e por isso, aberto ao diálogo com textos que permitam uma possível refutação desse projeto. Nesse sentido, a leitura dos textos-fonte consultados por ele é fundamental para a compreensão das discussões propostas em seus ensaios.

### Literatura Comparada

A partir das indicações do próprio autor, tais como notas de rodapé, indicações de títulos de revistas e livros, citações diretas, alusões ou paráfrases referenciadas no corpo dos ensaios, foi possível distinguir os periódicos mais consultados por Azevedo, tais como a *Revue de Paris*, *A Revolução de Setembro* (Portugal) e, principalmente, a *Revue de deux mondes*, publicação muito difundida no Brasil do oitocentos e que, acredita-se, era lida até mesmo pelo imperador brasileiro, D. Pedro II. Esse periódico, criado em 1829, na França, por Prosper Mauroy e Pierre de Ségur-Dupeyron, é o mais antigo da Europa pois ainda se encontra em atividade ininterrupta, embora com outro formato e linha editorial. Ele assumiu uma importante função de intermediação cultural, durante todo o século XIX, entre o continente europeu e as demais regiões do mundo: América, África, Ásia, regiões mais afastadas da Europa, mantendo, no entanto, a posição da França como um centro irradiador desse universo. Tal atitude e mesmo um certo utilitarismo ao debruçar-se sobre os “outros mundos”, pode ser vista já no *Avertissement* do primeiro número da revista, assinado por seus dois editores-chefes:

Il importe donc de bien connaître ce qui se passe ou ce qui s'est passé chez les autres peuples, afin de n'adopter de leurs institutions que ce qui pourrait s'appliquer à nos mœurs, à notre caractère, aux progrès de nos lumières, à la position géographique de notre territoire. (1829:I)

Por meio de uma observação preliminar da variedade de sua “table des matières” e também por meio de seu subtítulo (inicialmente *Recueil de la politique, de l'administration et des mœurs* e, a partir da década de 1830, *Journal des voyages, de*

*l'administration et des mœurs, etc., chez les différens peuples du globe ou archives géographiques et historiques du XIX<sup>e</sup> siècle; rédigée par une société de savants, de voyageurs et de littérateurs français et étrangers*), tem-se noção da grandiosidade desse projeto, inspirado nos ideais iluministas de origem francesa, bem como nos periódicos britânicos, tais quais a *Edinburgh Review* e a *Quarterly Review*, criados nos primeiros anos do século XIX (FURMAN, 1975:16).

Mas é com a elevação de François Buloz ao cargo de redator chefe, em 1831, no qual permanecerá por mais de quarenta anos, que a revista se tornará um instrumento não só cultural, mas uma força política no cenário francês, marcando posição diante dos diferentes regimes que tiveram sequência durante o oitocentos francês e influenciando nos hábitos de leitura e nas informações recebidas pelo público médio de seu país de origem e dos que se encontravam no raio de seu mercado consumidor.

Entre os colaboradores dos primeiros anos de Buloz, encontram-se nomes do quilate de George Sand, Alfred de Musset, Alfred Vigny, Victor Hugo, Sainte-Beuve, Jouffroy, Victor Cousin etc. Segundo o próprio Sainte-Beuve, fazendo um balanço da *Revue*, em 1845, essa fase havia sido uma verdadeira “*lune de miel* de la critique et de la poésie à la *Revue des Deux Mondes*, et là, comme ailleurs, les lunes de miel ne luisent qu’une fois.” (1845:961) É justamente esse o lapso temporal, os anos de 1830 e a primeira metade da década de 1840, que nos foi possível identificar ao delimitar balizas temporais para os artigos os quais Álvares de Azevedo se vale como fonte. De forma que é possível levantar a hipótese de que ele se ateu a uma fase em que a crítica e a poesia estavam em maior sintonia, no interior da redação e nas matérias da revista, além do fato desta, nesses anos, assumir uma postura menos conservadora, tanto no campo artístico, quanto no político.

É fato que a *Revue des deux mondes* sempre foi considerada como um veículo comunicacional ligado aos interesses da classe burguesa, receoso de medidas demasiadamente democráticas. É por isso que, após os acontecimentos de 1848, Buloz demarca mais explicitamente o posicionamento ideológico de sua revista, afastando, por exemplo, George Sand, autora ligada a movimentos sociais e a personalidades como Pierre Leroux, pensador dos primeiros momentos do socialismo. De Broglie visualiza, por meio da sessão *Chroniques de la quinzane*, a maré-montante do pensamento conservador na redação da revista, onde não só as ideias republicanas causavam espanto, mas especialmente as aspirações ainda confusas do socialismo:

Toutes les chroniques de 1840 à 1848 développèrent le même thème. Les articles de fond surtout consacrés à montrer à la fois la force et les dangers de tous les mouvements progressistes. Louis Reybaud avait publié, de 1836 à 1843, cinq articles sur ‘Les Socialistes modernes’. Louis de Carné donna, le 1<sup>er</sup> septembre 1841, un tableau des ‘publications démocratiques et communistes’. Lerminier agita, dans un article du 1<sup>er</sup> juillet 1842 sur ‘Les élections de 1842’, le spectre d’une nouvelle révolution. Les écrits de Lammenais, de Prodhon, de Michelet, de Louis Blanc furent souvent critiqués. La cible la plus fréquente des chroniqueurs devint, à partir de 1844, Lamartine. (1979:48)

Talvez por isso, Álvares de Azevedo adote para leitura, a partir de 1848, uma revista de orientação mais liberal, *A Revolução de Setembro*, mesmo que as opiniões políticas dele não sejam exatamente definidas. De todo modo, o que fica claro é uma escolha, possivelmente consciente, da leitura de uma determinada fase da *Revue*, tendo em vista que os números mais recentes também lhe eram possivelmente acessíveis, assim como se dava com o material que chegava de Portugal, no caso, o periódico *A Revolução de Setembro*. Outra questão é que, em consequência do endurecimento da postura política, houve também um recrudescimento com a relação às liberdades artísticas e, segundo Furman, nas páginas onde antes se liam as palavras ‘originalité’ e ‘talent’, passou a vigorar o termo ‘le bon goût’, apontando para a moderação em diversos campos (1975:25).

Além dos limites temporais e do delineamento de uma possível postura política por parte de Azevedo ao consultar a revista, foi possível identificar também, entre os artigos citados por ele, uma linha teórica mais ou menos homogênea: os estudos de literatura comparada. Tais estudos estavam em seu momento inicial na intelectualidade francesa e se desenvolviam, a princípio, como uma parte da cadeira de *Études des Littératures Étrangères*, em escolas como a *Faculté de Lettres de Paris* e o *Collège de France*, entre outras instituições. Michel Espagne explica que, até as reformas educacionais realizadas pela *Troisième République*, os cursos ministrados no seio das universidades francesas não visavam a um público especializado, sendo de “bon ton” publicá-los em revistas que tinham consumidores cultivados, caso da *Revue des deux mondes*. Espagne assinala alguns trabalhos de literatura comparada/literatura estrangeira que poderiam ser encontrados nas páginas da revista francesa, dentre os quais, podemos ver alguns dos citados por Azevedo:

une des caractéristiques de la *Revue des deux mondes* est qu'elle accueille, à cote des travaux de publiciste brillants et souvent très compétents, les publications des professeurs de littérature étrangère. Une sorte d'osmose se crée entre les deux groupes, sous l'égide de la revue. Claude Fauriel et Edgar Quinet y font paraître certains de leurs cours, Xavier Marmier y publie les compte rendus de ses voyages. Jean-Jacques Ampère, Philarète Chasles, Louis Étienne, Charles Labitte, Louis Léger, Charles Magnin, Alfred Mézières, Cyprien Robert, sont autant de collaborateurs, souvent réguliers, qui ont également participé à l'enseignement des littératures étrangères. (1993:157)

Pode-se ressaltar que não somente as preocupações com a divulgação do conhecimento estavam por trás dessa parceria existente entre a *Revue* e a academia, mas o gosto pelo pitoresco e pelas regiões distantes, uma característica do leitor dos meados do século XIX (haja vista a popularidade do *journal des voyages* de autores tais quais Lamartine ou Alexandre Dumas) impulsionava o interesse pela publicação, garantindo assim, um possível aumento de vendas. Por outro lado, nota-se também a coerência da publicação desses estudos por parte da revista, pois se dava, assim, continuidade à linha editorial proposta pelo *Avertissement* de 1829, uma vez que as pesquisas nessa área, naquele momento, utilizavam um tipo de “modo binário”, popularizado por Abel-François Villemain, no prefácio ao seu curso de literatura francesa, de 1829 (FEUILLEBOIS, 2014:10). Nele, para estudar o século XVIII francês, Villemain apoiava-se no contato entre a literatura francesa produzida circunscrita àquele período e a literatura inglesa. Isso quer dizer que, de forma geral, um dos pólos de comparação era sempre a literatura, a cultura e/ou a sociedade francesa, fomentando a ideia de que conhecendo o estrangeiro, conhecemo-nos a nós próprios.

Assim, é possível dizer que há uma acentuada preocupação nacionalista nesse olhar para o outro, mas há também uma perspectiva de interligação entre as diferentes nações, uma ideia particularmente difundida a partir de fins do século XVIII:

Des courants se dessinent de la Provence vers le reste de l'Europe, de la France vers l'Angleterre, de la Scandinavie vers l'Allemagne. Ces courants, qui peuvent être critiques, voire inversés, sont la *trame d'une interdépendance entre les nations*, la structure de leur espace en Europe, la littérature française, la nation française, ne pourra que se situer elle-même dans ce cadre ou revendiquer nostalgiquement, contre la loi des origines, l'universalité de la raison classique. (ESPAGNE, 1993:17 e 18, grifos nossos)

## Conclusões parciais

Não é somente por citar alguns nomes pouco conhecidos de professores de literatura estrangeira/colaboradores da *Revue des deux mondes* que podemos sugerir que Álvares de Azevedo valeu-se das teorias da literatura comparada na fatura de seus ensaios, mas pelas ideias que expõem neles. O ato de comparar a nascente literatura brasileira com outras de maior tradição não é uma particularidade sua, no século XIX. Por outro lado, o que esta pesquisa vem sinalizando é que ele se valia de uma perspectiva mais sistemática e embasada teoricamente do que talvez se tenha entrevisto até então. Não se trata apenas de criar “um sentimento confortante de parentesco” (CANDIDO, 1993:211), mas de evidenciar que até mesmo as literaturas matrizes fazem parte de uma grande tradição, de uma trama, mas palavras de Michel de Espagne, e são interligadas por um intercâmbio constante, tendo em vista aproximações de fundo filológico, histórico e temático.

A leitura dos estudos franceses de literatura comparada contribui para que Azevedo esboce uma linha de pensamento sobre a literatura brasileira que, se não lhe é exclusiva, leva-o a contrapor-se à corrente hegemônica da crítica literária nacional, que propunha a autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa e uma diferenciação, por vezes segregadora, de nossas letras em relação às letras europeias. O contato com a literatura comparada permitiu a Azevedo pensar essa relação de uma perspectiva que refutava o nacionalismo indianista vigente na sua época e integrava a literatura brasileira ao movimento geral da cultura ocidental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares de. *Obras Completas*. Organização: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BROCA, José Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. SP: Polis, 1979.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite. In *A educação pela noite e outros ensaios*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, pp. 13 a 27.

\_\_\_\_\_. “Literatura comparada”. In *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 211 a 215.

CUNHA, Cilaine Alves. “Palpites dissonantes de brasileirismo em Literatura e civilização em Portugal”. In *Literatura e autoritarismo: coleções e ensaios*.

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação. N. 4, 2001, pp. 15 – 26.

DE BROGLIE, Gabriel. *Histoire politique de la Revue des deux mondes de 1829 a 1979*. Perrin, 1979.

ESPAGNE, Michel. *Le paradigme de l'étranger: les chaires de littérature étrangère au XIXe siècle*. Paris: Les éditions du CERF, 1993.

FURMAN, Nelly. *La Revue des deux mondes et le romantisme (1831 – 1848)*. Genève: Librairie Droz, 1975.

GINZBURG, Jaime. “História e melancolia em Literatura e civilização em Portugal”. In *Estudos Portugueses e Africanos*. n. 33/34 - Jan./Dez. Campinas: 1999, pp. 21-27.

MAUROY & SÉGUR-DUPEYRON. “Avertissement”. In *Revue des deux mondes*. Série 1, tome 1. Paris: 1829, pp. I-III.

MOREIRA, Maria Eunice. “O Brasil em papel: ideias e propostas no pensamento crítico do romantismo” In *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Organizadores Rogério Cordeiro, Andréa Sirihal Werkema, Claudia Campos Soares e Sergio Alcides Pereira do Amaral. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2013, p. 29 - 47.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. “La revue en 1845”. In *Revue des deux mondes*. Tome VIII, quatorzième année, nouvelle série, 1er octobre. Paris: au bureau de la Revue des deux mondes, 1845, pp. 957 a 967.

VERÍSSIMO, José. “História da literatura brasileira”. In AZEVEDO, Álvares de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, pp. 43-46.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AZEVEDO, Álvares de. *Obras Completas de Álvares de Azevedo*. Edição crítica organizada por Homero Pires. Tomo II. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

RÉGNIER, Philippe. “Littérature nacionae, littérature étrangère au XIXe siècle. La fonction de la Revue des Deux Mondes entre 1829 et 1870. In *Philologiques III: Qu'est-ce qu'une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire* (Sous la direction de ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1994, PP. 289 a 314.

